

# *Transiberiana*

UMA LINHA FÉRREA FEITA DE LUGARES  
QUE SE DESVANECEM, LEVANDO  
ALGO DE NÓS...

Na expectativa silenciosa da partida, um comboio sai quase vazio da estação ferroviária. Atravessa fronteiras, fusos horários e panoramas infindáveis. Ninguém sabe onde nem quando irá parar; os passageiros vão entrando e saindo ao correr da paisagem, como personagens inventadas. Seguem felizes ou melancólicos, cruzando-se para nunca mais se encontrarem, em carruagens que avançam para dois lados em simultâneo: o físico e espacial, o espiritual e temporal, numa vivência que faz dançar tantas emoções quanto a imaginação é capaz de desenhar... Pouco depois, a locomotiva apita e arfa, afastando-se, num silvo, em direcção a outras histórias...

Texto: Maria João Castro Fotos: Pedro Sousa Dias e Golden Eagle





Interior do Transiberiano

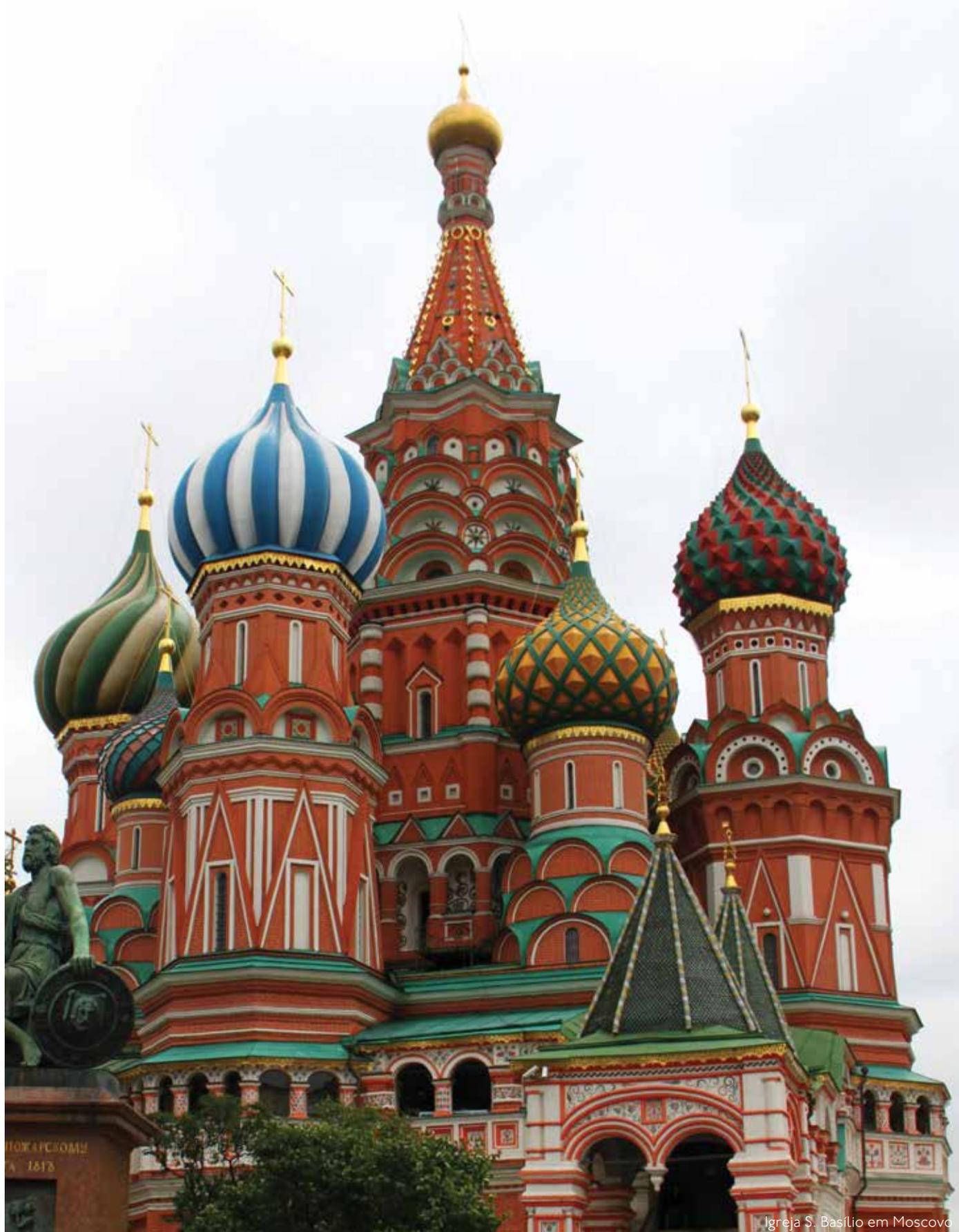
Depois de um par de dias na capital russa, foi com uma certa euforia que me dirigi para a porta da carruagem indicada no bilhete. A imponente locomotiva azul do Golden Eagle arfava, colada ao fim da linha número 1. A provodnitsa – a assistente da carruagem – elegante na sua farda azul, sorri ao indicar-me a cabine, instruindo o ajudante para me acompanhar e colocar a bagagem no compartimento-destino.

Após o fecho da porta, observo detalhadamente o quarto rolante, os seus embutidos em madeira nobre, o damasco da colcha, as almofadas confortavelmente dispostas, a flor solitária sobre a jarra, os veludos das cortinas, sabendo que as semanas seguintes me irão mostrar uma nova longitude a cada dia, descobrindo, para lá do território imenso, afinidades e incongruências, dois dos pólos de que é feita a vida.

Pouco depois ressoa o apito da máquina. Um derradeiro safanão e o comboio arranca, abandonando a estação ferroviária de Kazanskiy e dissolvendo-se na linha rasgada pelos carris. Gradualmente, a Serpente de Ferro ganha balanço, fazendo a paisagem deslizar como um filme mudo, ainda que sob o estrépito morno das feragens a embater nas calhas de aço, prometendo levar-me através de três impérios únicos: o da



Igreja em Irkutsk



Igreja S. Basílio em Moscovo

Solidão, o Nómada e o do Meio. Nada me parece tão promissor como estar a bordo do Transiberiano, percorrendo a linha férrea mais extensa do planeta numa viagem que se desenrolaria dentro de dois universos que corriam, paralelos aos trilhos do comboio: um feito de rostos e paisagens, vivências e experiências, e outro configurado a partir de uma valência interior que o faz perpetuar para lá da

jornada, inscrevendo-se na viagem pessoal, a melhor autobiografia de cada um...

O ritmo indolente do tutum-tutum ferroviário imprime o compasso das horas e dos dias que atravessamos. Aprendo que os planos originais para a construção da linha transiberiana foram aprovados por Alexandre II, mas foi o seu filho, Alexandre III, que supervisionou a construção que durou de 1891



Transiberiano à beira do lago Baikal.

a 1916 mas a urgência de um reconhecimento da casa rolante faz-me sair para o corredor. Atravesso carruagens fechando e abrindo portas, percorrendo passagens ladeadas por compartimentos com portas luxuosamente envernizadas e por janelas que mostram filmes únicos. Finalmente chego à carruagem-salão e ao vagão-restaurant, locais futuros de refeição, convívio, leitura ou simples contemplação.

A latitude a que viajamos oferece florestas intermináveis de coníferas. Esta é a terra de Ivan Shishkin, o pintor russo de florestas siberianas e autor de telas magnânimas que se abrem à imaginação; na verdade, ao contemplar os seus quadros, a mágica verticalidade imposta pelas suas árvores, é idêntica à das bétulas que correm do outro lado do vidro, altivas e distintas.



Estação ferroviária de Novosibirsk



Paisagem da Sibéria

O despertar no Império da Solidão devolve a consciência e a luz, quando a aurora desponta lá fora. O ramerrame da viagem faz surgir as estações de Yekaterinburgo, a capital dos Urais e fundada por Pedro, O Grande, Novosibirsk, a “Nova Sibéria”, mandada erguer por Josef Estaline nos anos 20, e Irkutsk, a “Paris da Sibéria” a partir da qual se chega às margens do Baikal. Património da UNESCO, este lago é a maior reserva de água doce do mundo e o mais antigo e profundo do globo, abraçado por montanhas cobertas de arbustos que lhe condensam a beleza azul, emoldurando-a.

Ao declínio do dia, as fumaças néveas soltas pela locomotiva, ajudavam a efabular o panorama adensando-o de melífluu mistério. Os cálices tilintam no vagão-restaurante enquanto o pianista ataca uma melodia tradicional russa. No exterior, o céu acinzentava-se, as cores deslavavam-se, as linhas enrolam-se em pontos incertos e brilhos ocasionais, destacando o conforto elegante do interior e prolongando-o para lá das sensações.

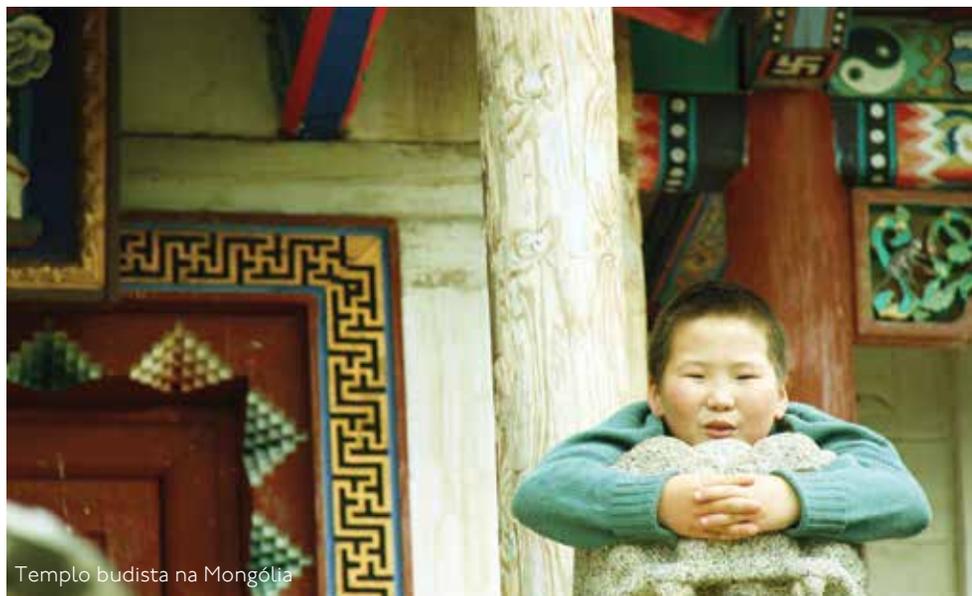
Os campos desfilam manchados de vento e aureolados de luz, enquanto o comboio devora os quilómetros, fusos horários e fronteiras de províncias. O pouca-terra serpenteia em direcção à Mongólia e à capital do Império Nómada: Ulan Bator. A Sibéria vai ficando para trás; a taiga, a estepe e a tundra eternizando-se, num espaço infinito e va-



Janela de uma dacha

zio, para lá das páginas das obras de Dostoievski, Tchekhov e Tolstói. A sua vastidão conferiu-lhe o estatuto de prisão e sepultura, mas também de vida e renovação que ondulam, como um véu de seda à brisa matinal.

Mongólia, o 19º país em extensão e... o menos povoado do mundo! Os taludes da linha do comboio eriçam-se da erva rasteira, bruxuleando de cores de verão. A terra agiganta-se no sortilégio de um país único, pátria de Gengis Khan e de tribos nómadas que pontilham os campos de gheers níveos. Vin-do não se sabe de onde, ouve-se o som melancólico de um violino "cabeça de cavalo", o instrumento dos pastores mongóis e que torna nostálgico o panorama contemplado a partir do wagon-lit. Sob o cadenciar das rodas e o retinir dos engates batendo uns contra os outros, dirigimo-nos para o Império



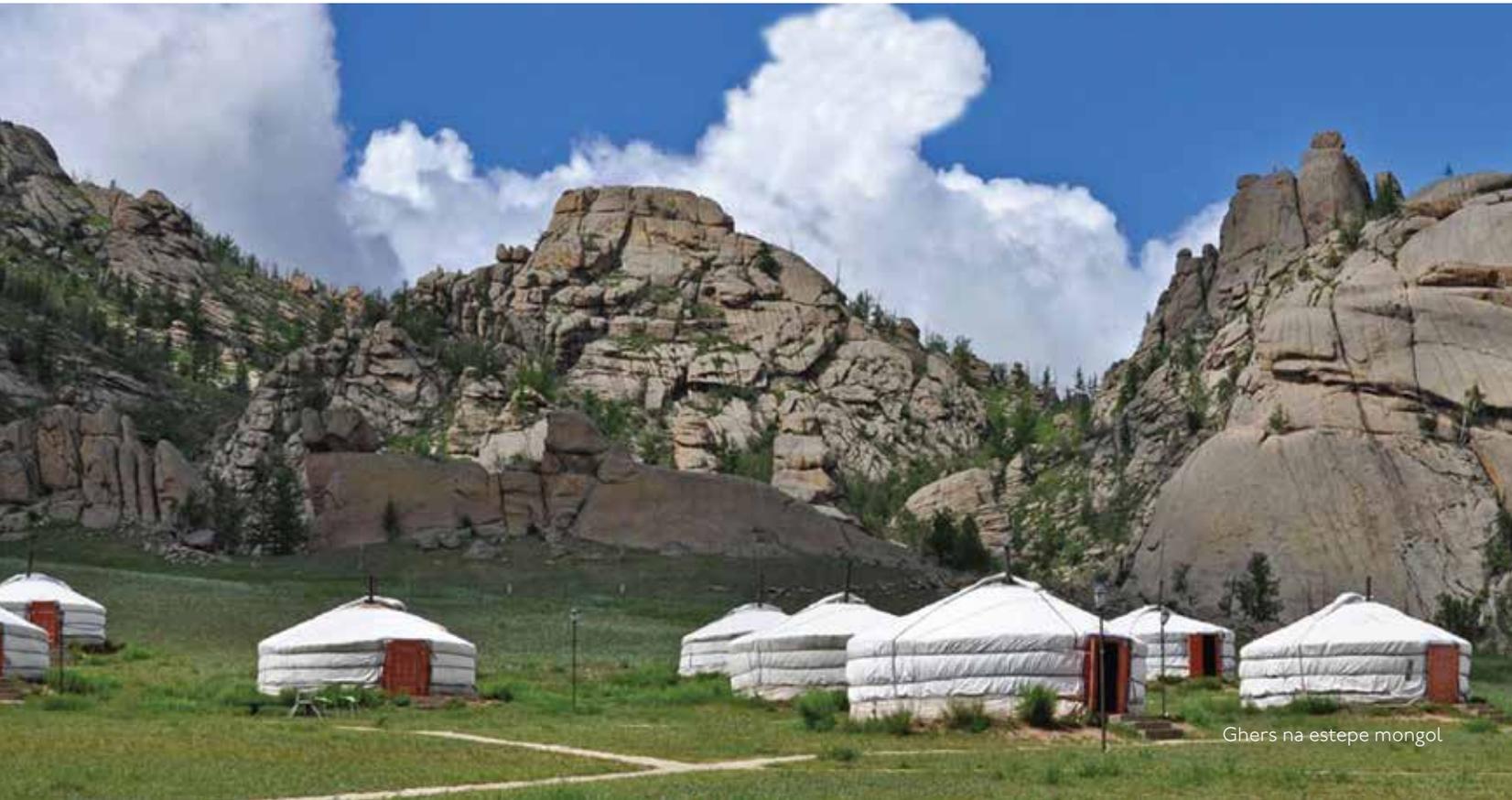
Templo budista na Mongólia



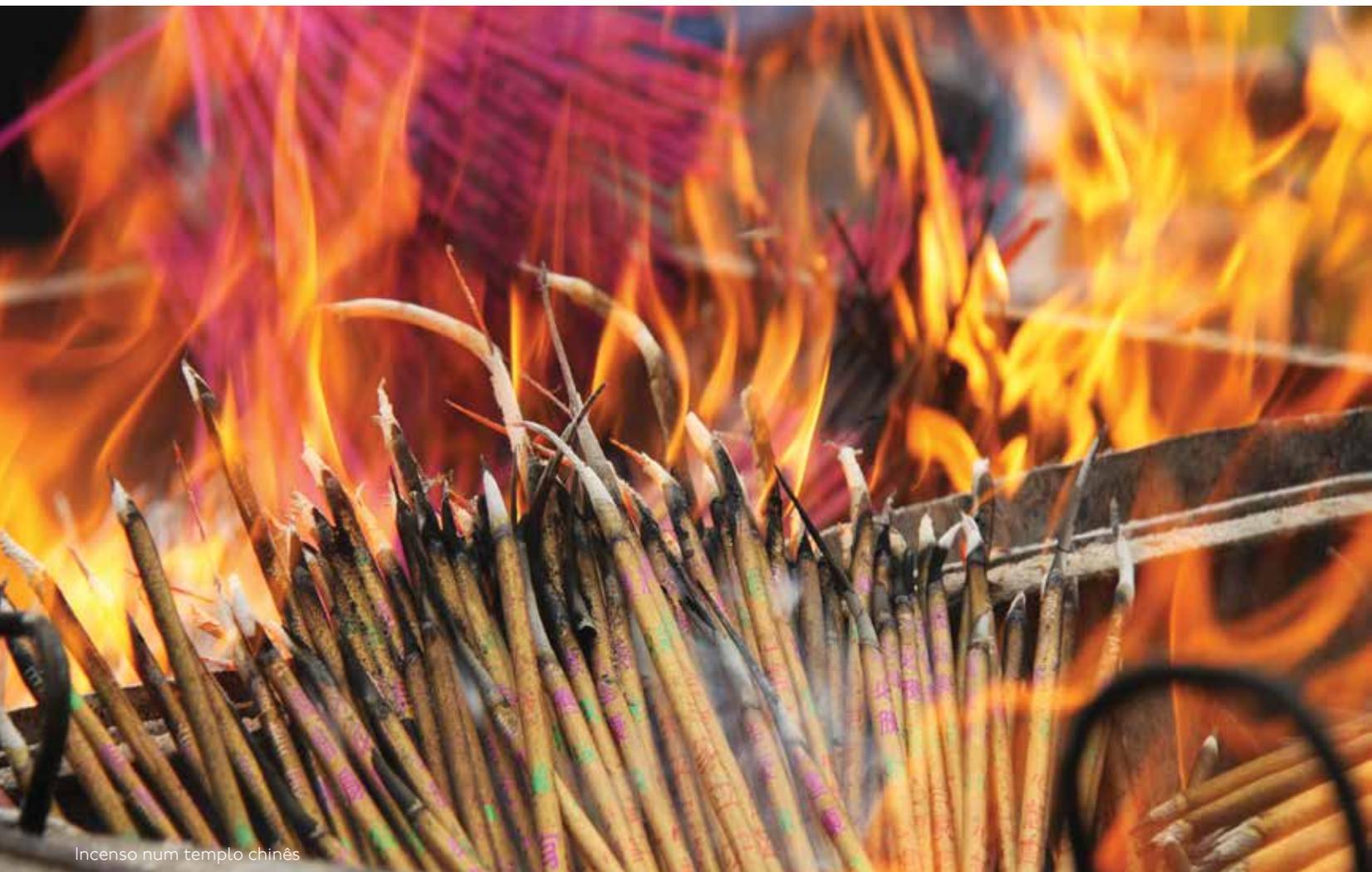
Templo em Ulan Bator, Mongólia



Cavaleiro da Mongólia



Ghers na estepe mongol



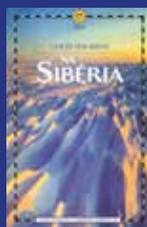
Incenso num templo chinês

do Meio e para a sua capital, Pequim. Com a aproximação da metrópole chinesa, os lugares tornam-se mais habitados, as etapas mais curtas e as paragens mais frequentes.

Quase dez mil quilómetros depois de ter partido de uma estação ferroviária russa, aproximo-me de Pequim. É tempo de arrumar a bagagem e despedir-me da cabine que havia dias era o meu reduto e o meu berço.

Finalmente a locomotiva arfou e deteve-se na estação de Beijing e isso significava que o romance sobre rodas chegara ao fim. A “cine-viagem” concluía-se: a Rússia das estepes dissolvera-se numa luz prateada; a Mongólia, imersa numa claridade áurea e remota, ficara para trás; a China, de luminosidade baça e encoberta pelo progresso violáceo que lhe avermelhava os contornos, sumia-se. A mistura do culto xamânico russo, do lamaísmo tibetano e mongol e do taoísmo e confucionismo chinês ajudaram a criar um espírito volátil, numa jornada composta por endereços que constituem pérolas de um colar precioso. Nesta jornada transiberiana e transmongoliana, não é só o destino que importa mas igualmente o caminho tal é o grau de enamoramento com que se vive cada etapa do trajecto.

Sob um céu caliginoso, o avião carrega-se de passageiros e descola, elevando-se em direcção a oeste. Os pensamentos flutuam num limbo incerto, iniciando a paradoxal metamorfose do regresso à ocidental praia lusitana, fazendo lembrar as figuras de um caleidoscópio que, ora se fundem ora se separam, num irradiar centrífugo que evidencia o círculo mágico do percurso.



Leituras Sugeridas

« Na Sibéria, Colin Thubron

Transiberiana, Maria João Castro

Comboio-Fantasma para o Oriente, Paul Theroux

Desoriento-me do oriente, sabendo que esta não é uma viagem qualquer: a grandeza da distância, o abrir de porta a uma das regiões mais assombradas e assombrosas do globo, obriga a que nos confrontemos com a dimensão do planeta. Percorrendo a linha férrea mais longa do mundo, chega-se ao fim constatando que as paisagens originais são espaços sensíveis pelos quais nos ligamos ao mundo e aos istmos da memória.



“

Mais importante que o destino é a viagem.

*Eduardo Lourenço*



Muralha da China

Seguramente, como um longo silvo que se afasta desaparecendo na poeira pálida dos carris equidistantes, a reminiscência da jornada desvanecer-se-á até se sumir na bruma da recordação, permanecendo para além das distâncias e das deslembanças como uma ode demiúrgica de quem perde o caminho para casa...●

#### - COMO IR —————

A TAP voa também várias vezes por semana para Moscovo e S. Petersburgo. Airflot tem um leque variado de horários diários a partir de Lisboa.

Onde Ficar: numa das elegantes e requintadas cabines disponibilizadas no Golden Eagle e no Shangri-Lá Express

#### - O QUE FAZER —————

Visitar o Krelim de Moscovo, disfrutar das paisagens siberianas que correm do outro lado da janela, passear de barco no lago Baikal, visitar os templos da Mongólia, deambular pela Cidade Proibida em Pequim e percorrer um troço da Muralha da China.

#### - VIAGEM RECOMENDADA —————

Transiberiano de Moscovo a Pequim a bordo do Golden Eagle e do Shangri-la Express ●

